**Contributos metodológicos híbridos na investigação em artes**

**Isabel Bezelga – Universidade de Évora /IELT-UNova**

Resumo

A convivência interpelativa através de múltiplos cruzamentos apresenta-se como um desafio à investigação em artes.

A mobilização de uma diversidade de saberes, procedimentos e dados, ora fazendo convergir perspectivas ora introduzindo novas possibilidades de interpretação permitem compreender os sentidos contemporâneos da performance tradicional.

Ao interrogarmos o estatuto das Brincas como um território de pertença que é simultaneamente um território de confluências, promovemos um vaivém muito maleável entre instâncias (comunitárias e manifestatárias), experiências (educativas e performativas) e processos (tradição e contemporaneidade).

No âmbito do desenvolvimento da Tese de Doutoramento “Performance Tradicional e *Teatro e Comunidade*: Interacções, Contributos e Desafios Contemporâneos. O caso das Brincas de Évora”, realizada em Estudos Teatrais, deparei-me desde logo com dificuldades de ordem epistemológica e metodológica.

O Estudo pretendeu desenvolver uma abordagem transformativa, do ponto de vista metodológico, preconizando uma aproximação que caminhe para além da compreensão das manifestações artísticas e festivas no contexto da cultura popular, implicando-nos na compreensão dos processos de criação e fruição, presentes neste tipo de performance como forma de intervenção comunitária.

Efectivamente,, dados estes pressupostos, o estudo não poderia avançar sem mobilizar de forma dialogante e transversal os recursos de diversas áreas de conhecimento - dos Estudos Culturais, aos Estudos Teatrais e à Performance.

A relativa hibridez metodológica afigurou-se-nos como a modalidade mais adequada de investigação, dada a complexidade do próprio fenómeno em estudo (Eisner, 1998; Creswell, 1994).

Com claras influências das abordagens de tipo qualitativo o trabalho resultou de intersecções de variadas posturas teóricas que, por vezes, lhe conferiram dificuldades de delimitação. Poderá, no entanto, ser esta indefinição afirmativa o seu melhor contributo

a ênfase na multiplicidade de perspectivas tornou-se, desde o início do nosso trabalho, numa espécie de olhar necessário ao entendimento dos fenómenos, sobretudo devido ao cariz policentrado que caracteriza cada vez mais a contemporaneidade. Esta pluralidade analítica assente na triangulação contribuiu ainda para uma valoração – e até credibilização – das conclusões a que fomos chegando (Huberman & Miles, 1998; Maxwell, 2005; Cohen & Manion, 1989). Nesta linha, alguns autores (Janesick, 2000; Denzin & Lincoln, 2005) apresentam como alternativa conceptual à triangulação, a metáfora do cristal de múltiplos reflexos que permite “*ler*” melhor os diferentes aspectos de uma realidade a estudar.

Tendo em conta os objectivos que nortearam, desde o início, o desenvolvimento deste estudo, bem como a sua articulação com os contributos teóricos provenientes das várias áreas, tornaram-se apropriadas, sobretudo nos pressupostos metodológicos, as abordagens qualitativas de índole Etnográfica, da “*Grounded theory*” e do Estudo de Caso, embora sempre cruzadas e complementadas pelo recurso às Metodologias Visuais de investigação.

Sucintamente passamos a apresentá-las:

1. O desenvolvimento do método etnográfico e a adopção das técnicas de recolha de dados, centradas na observação participante e na realização de entrevistas e conversas informais, permitiram que, a partir de situações empíricas muito diversas e de processos de indução analítica, se fosse construindo o conhecimento. Na abordagem indutiva, as experiências pessoais de todos os participantes são o principal contributo para a obtenção de resultados (Usher, 1996). Normalmente, o trabalho de campo imputado ao modelo etnográfico sugere uma imersão na vivência e no quotidiano das pessoas e grupos estudados, partilhando os espaços criação e de momentos de sociabilidade do grupo e, nalguns casos, penetrando até na esfera das práticas familiares (Priest, 1998). Foi através deste tipo de partilha de códigos com o grupo e a comunidade e da compreensão dos significados atribuídos a acções e factos, que geram/enunciam regularmente as Brincas de Évora, que se tornou possível “*compreender*”. Isto é, foi possível apropriarmo-nos de outras referências no diálogo com os interlocutores e participantes do estudo e transformá-lo em discurso. O longo tempo de permanência no campo, (2007/2011),

característica fundamental neste tipo de abordagem, gerando um acompanhamento contínuo e duradouro, permitiu o desenvolvimento de uma relação de profunda confiança, aceitação e respeito ‘pelo outro’ e de criação de cumplicidades;

2. A “*Grounded theory*” (Strauss & Corbin, 1998; Zamith-Cruz, 1996; Schreiber & Stern, 2001) propõe um estilo qualitativo de análise dos dados que permite ao investigador fazer emergir a teoria a partir da praxis. Este ponto de partida obrigou-me realmente, no caso das Brincas de Évora, a ser criativa nas aproximações, a deixar-me guiar e a confiar no que os dados (analisados de uma forma sistemática) me iam revelando. Este modo de simultânea indução analítica e de conjectura/abdução, permitiu-me o desenvolvimento de uma atitude reflexiva em que fui reajustando categorias e temas, por um lado, e os próprios dados que se tornavam úteis recolher, por outro lado, no quadro de uma teoria que consistentemente se foi consolidando (e adequando às verificações práticas);

3. O Estudo de Caso, ao fazer emergir dados não visíveis, permite compreender um grupo “*situating case within its setting*” (Creswell, 1998, p. 61), num tempo, espaço e experiências específicas, como é o caso do(s) Grupo(s) de Brincas estudado(s).

Embora a Etnografia e o Estudo de Caso, sob forma pura, possam corresponder a diferentes orientações teóricas, não é raro aparecerem como complementares rentabilizando o processo de análise e interpretação de um conjunto de dados de várias proveniências. A adequação destes tipos de abordagem ao estudo prende-se nomeadamente, com a profundidade que desejávamos alcançar na compreensão de uma das manifestações contemporâneas da teatralidade tradicional (As Brincas) e um maior incremento na colaboração entre todos os participantes do estudo, investigador e demais interlocutores, tendo em vista os processos performáticos actuais e as várias perspectivas sobre o tema (Denzin & Lincoln, 2005).

Afigurou-se-nos assaz importante implicar os participantes e interlocutores nas narrativas que se iam construindo sobre o tema, garantindo a introdução das várias vozes (Creswell, 1994; Maxwell, 2005) durante o processo de interpretação e análise. Os diversos pontos de vista, as diferentes experiências da performance assim como as várias interpretações individuais sobre os temas abordados, não raro conduziam a esclarecimentos parcelares e/ou contraditórios. Das inquietações partilhadas e do aprofundamento reflexivo e dialógico sobre algumas questões fizeram emergir em cada momento um maior número de dados que urgia situar, confrontar, articular, no sentido de uma compreensão integrada e global;

4. A utilização da imagem seja ela fixa (fotografia), seja em movimento (sobretudo a partir da democratização do acesso às tecnologias da captação de imagem em movimento através do vídeo), veio operar na investigação, sobretudo no trabalho de campo, uma autêntica revolução (Prosser & Schwartz, 1998). Os meios audiovisuais não poderão, pois, ser encarados como meros recursos instrumentais, pois passaram a permitir a expressão de novas tipologias discursivas.

Dadas as suas características, tanto a fotografia quanto o cinema e o vídeo, na actualidade, abrem espaço para repensar a obra de arte, a relação com o público e os níveis de percepção e apreciação estética (Benjamim, 1994; Barthes, 2006). Muitas das razões que advogam o uso destes recursos, nomeadamente em contextos de investigação, prendem-se com as noções de objectividade e de democraticidade.

Ao elegermos estes recursos como ferramentas específicas do estudo tivemos que ter em conta as perspectivas de diferentes intervenientes, mediadas pela tecnologia (camara). Desde logo, apresentam-se o ponto de vista subjectivo daquele que fotografa e as perspectivas do(s) que são fotografados (no caso concreto – os participantes da performance) (Nietto, 2005). Para os críticos de um trabalho de campo convencional, demasiado descritivo, apoiado na observação e registo de notas de campo, estes suportes passaram a servir na perfeição uma visão mais empirista.

Dum ponto de vista pós-moderno, em que a escrita e a interpretação são en- tendidas como cruciais do processo de investigação e transformando-se o investigador num intérprete, as necessidades de uma investigação qualitativa contemporânea promovem a entrada em cena de outros artefactos também eles portadores de uma diversidade de perspectivas.

O recurso intencional a imagens fotográficas, que dominou todo o processo de recolha de informação junto de participantes e informantes, teve outras funções, com destaque para o reactivar de memórias sobre o tema e, acto contínuo, para a indução reflexiva sobre as suas experiências individuais e a construção de narrativas de valor identitário (Lury, 2002).

Desenvolvemos com os participantes do Grupo de Brincas dos Canaviais um processo de recolha de depoimentos baseado nas orientações metodológicas de foto-elicitação (Loeffler, 2005; Harper, 2002; Wang, 2001; Collier & Collier, 1986), permitindo aprofundar as experiências e as narrativas pessoais destes participantes no quadro da vivência da performance. Os processos activadores de memórias e de relato das histórias das Brincas surgiram espontaneamente através da introdução da fotografia como suporte investigativo. Também as suas próprias escolhas sobre o que fotografar e a análise das imagens seleccionadas fizeram emergir novos questionamentos e interpretações aumentando o processo reflexivo.

Este contexto permitiu encarar o recurso a imagens, não já só como mero suporte instrumental, mas também – e sobretudo – como constructos metodológicos par- ticularmente eficazes, capazes de abrir terreno a novas abordagens e horizontes do plano investigativo. Desta forma, a foto elicitação traduziu-se num modelo de pesquisa colaborativa entre investigador e “*sujeito*”, através de fotografias, em que as respectivas imagens foram interpretadas pelos próprios, cabendo depois ao investigador a função de ouvidor atento e implicado, num constante processo interactivo.

O processo de reflexividade apareceu ao longo da investigação, não apenas como sua condição primeira, mas também como seu fundamento e até finalidade

Este processo consiste num longo caminho em que se sobrepõem e comunicam diversos momentos e fases. Uns mais de carácter introspectivo e solitário e outros de permanente dialogismo, que se afectam mutuamente.

Um dos aspectos que mais influenciou o processo reflexivo da investigação centrou-se nos efeitos das profundas “*correntes de ar*” trazidas pelos questionamentos relativos à construção das identidades culturais.

Este pressuposto de articulação entre a interculturalidade e as relações sociais criadas pela investigação atravessou várias etapas e foi regido por normativos diversos:

- Em primeiro lugar, a investigação foi orientada por parâmetros muito práticos que viraram a sua atenção para actividades quotidianas e extra-quotidianas do(s) grupo(s) (em estudo), reflectindo a dignidade das suas expressões criativas e valorizando as suas formas singularmente minoritárias e periféricas.

As preocupações interculturais têm sido aliás um campo fértil de reflexão praxiológica e de experimentação criativa no âmbito da performance (Marranca & Dasgupta, 1991; Watson, 2002; Martin, 2004; Kuppers, 2007; Pavis, 2008; Gomez Peña, 2005)

– Em segundo lugar, criaram-se condições que colocaram o(s) grupo(s) em situação de ter que pensar o seu próprio “fazer”. Este facto, apesar de não lhe(s) ser totalmente estranho, contribuiu para uma renovada consciencialização cultural. A mediação provocada pelo investigador foi, neste caso, essencialmente heurística através de aproximações pouco ou nada ostensivas que procuraram atingir essa finalidade do melhor modo possível;

– Em terceiro lugar, o investigador foi tendencialmente visto e interpretado não como sendo mais um estranho, mas como um contributo pró-activo para que o(s) grupo(s) (em estudo) se interrogasse(m) adequadamente acerca das relações sociais que mantinha(m) – e mantém – com o exterior.

Em síntese, tratou-se de uma implicação que convoca os grupos em estudo a pensarem-se como sujeitos de pleno direito, dissuadindo o risco etnocêntrico de condicionamento dos valores da sua cultura. Pensamos que para o(s) grupo(s) implicado(s) neste estudo, enquanto “*investigadores*” das suas próprias práticas, o caminho percorrido se apresentou logo, desde a primeira hora, como um desafio fértil e muito estimulante, quer ao nível do desenvolvimento do seu fazer performativo enquanto grupo, quer ao nível pessoal de cada um dos implicados.

A etnografia da performance coloca questões éticas relevantes que não podemos deixar de considerar. Os aspectos sociopolíticos entrecruzam-se nos valores individuais e colectivos que perspassam nas perspectivas e práticas dos variados interlocutores (Conquergood, 1985; 1991). Podemos assim considerar que a validade decorre da construção de um relacionamento onde epistemologia e ética estão necessariamente interligadas.

Através deste breve relato, que retrata a hibridização dos procedimentos metodológicos usados intencionalmente, no desenvolvimento de uma investigação em Artes, permito-me considerar a pertinência da construção de metodologias de investigação artística a partir do que nos é oferecido por múltiplas abordagens.

Ao assumir as nossas influências mobilizando os contributos metodológicos desenvolvidos e alicerçados em campos de conhecimentos que há muito vêm realizando o seu caminho, constituem uma garantia procedimental que em muito obviará as limitações de um campo ainda em afirmação.

BIBLIOGRAFIA

Barthes, R. (2006). A câmara clara: Nota sobre a fotografia. Lisboa: Edições 70.

Benjamin, W. (1994). A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. Magia e Técnica, Arte e Política. Ensaios Sobre Literatura e História da Cultura. Obras Escolhidas, vol. 1. São Paulo: Brasiliense.

Cohen, L. & Manion, L. (1989). Research methods in education. Londes: Routledge.

Collier, J. & Collier, M. (1986). Visual anthropology: Photography as a research method. Albuquerque: University of New Mexico Press.

Conquergood, D. (1985). Performing as a moral act: Ethical dimensions of the ethnography of performance. Literature in Performance, 5 (2), pp. 1-13.

Conquergood, D. (1991). Rethinking ethnography: Towards a critical cultural politics. Communications Monographs, 58, pp. 179-194.

Creswell, J. (1994). Research design: Qualitative and quantitative approaches. Thousand Oaks: Sage Publications.

Creswell, J. (1998). Qualitative inquiry and research design: Choosing among five traditions. Thousand Oaks: Sage Publications.

Denzin, N. & Lincoln, Y. (Ed.). (2005). The Sage handbook of qualitative research. (3.a ed.). Thousand Oaks: Sage Publications.

Eisner, E. (1998). The kind of schools we need. Portsmouth: Heinemann

Gómez Peña, G. (2005). Excerpt from Philosophical Tantrum. e-misférica, Revista de Hemispheric Institute for Performance & Politics, 81. Acedido em 2 de Outubro de 2009, disponível em http://hemi.nyu.edu/hemi/pt/e-misferica-81/gomez-pena

Harper, D. (2002). Talking about pictures: A case for photo elicitation. Visual Studies, vol. 17 (1), pp. 13-26.

Huberman, A. & Miles, M. (1998). Data management and analyses methods. In N. Denzin & Y. Lincoln (Eds.), Collecting and interpreting qualitative materials. (pp. 179- 210). Thousand Oaks: Sage Publications.

Janesick, V. (2000). The choreography of qualitative research design: Minuets, improvisations and crystallization. In N. Denzin & Y. Lincoln (Eds.), Handbook of qualitative research. (pp. 379-399). Thousand Oaks: Sage Publications.

Kuppers, P. & Robertson, G. (Ed.). (2007). The community performance reader. Oxon: Routledge.

Loeffler, T. (2005). Looking deeply in: Using photo-elicitation to explore the meanings of outdoor education experiences. Journal of Experiential Education. Acedido em 21 de Maio de 2008, disponível em http://findarticles.com/p/articles/mi\_qa3907/is\_200501/ ai\_n13635403

Lury, C. (2002). Prosthetic culture: Photography, memory and identity. Londres: Routledge.

Marranca, B. & Dasgupta, G. (Ed.). (1991). Interculturalism & performance. Nova Iorque: PAJ Publications.

Martin, J. (2004). The intercultural performance handbook. Londres: Routledge.

Maxwell, J. (2005). Qualitative research design: An interactive approach. Thousand Oaks: Sage Publications.

Nietto, E. (2005). El valor de la fotografía: Antropología e imagen. Gazeta de Antropologia, 21, artigo 4. Acedido em 23 de Agosto de 2008, disponível em http:// www.ugr. es/~pwlac/G21\_04Eva\_Martin\_Nieto.html

Pavis, P. (2008). O teatro no cruzamento de culturas. São Paulo: Perspectiva. Priest, S. (1998). Doing media research: An introduction. Thousand Oaks: Sage Publications.

Prosser, J. & Schwartz, D. (1998). Photographs within the sociological research process. In J. Prosser (Ed.), Image based research: A sourcebook for qualitative researchers. (pp. 115-130). Londres: Routledge Farmer.

Schreiber, R. & Stern, P. (Eds.). (2001). Using grounded theory in nursing. Nova Iorque: Springer.

Strauss, A. & Corbin, J. (1998). Grounded theory methodology: An overview. In N. Denzin & Y. Lincoln (Eds.), Collecting and interpreting qualitative materials. (pp. 158- 183). Thousand Oaks: Sage Publications.

Usher, R. (1996). Postmodernism and education. Londres: Routledge.

Wang, C. (2001). Photovoice ethics. Health Education and Behaviour, vol. 28 (5), pp. 560-572.

Watson, I. (Ed.). (2002). Negotiating cultures: Eugenio Barba and the intercultural debate. Manchester: Manchester University Press.

Zamith-Cruz, J. (1996). Trajectórias criativas: O desenvolvimento humano na perspectiva da psicologia narrativa. Tese de Doutoramento. Braga: Instituto de Educação e Psicologia – Universidade do Minho.